

ELISABETE MARQUES



6

Doutorou-se pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com dissertação sobre Maurice Blanchot e Samuel Beckett. Publicou os livros de poesia *Cisco* (Mariposa Azul, Dezembro de 2014) e *Animais de Sangue Frio* (Língua Morta, Abril de 2017). Co-editora do livro *Estética e Política entre as artes* (Edições 70, Abril de 2017), integrou ainda as equipas das revistas *Textos e Pretextos* e *Esc:ala*. É investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), onde desenvolve um projecto que incide sobre as relações entre Literatura e Cinema, co-organizou o seminário *Escrita e Imagem* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e foi curadora do ciclo *O Cinema e as outras artes* (Teatro do Campo Alegre, Porto).

CERTO DIA, NÃO LI BAUDELAIRE, NÃO SOUBE
os tempos. Certo dia, perdi. Os olhos sobre
telhados, certo dia, ceguei, a lua na órbita,
ceguei, como gatos com olhos de meio-dia,
sem lembrar sequer a morte, consentindo as buzinas,
certo dia, no passeio da avenida, esqueci-me.
Eram cinco da tarde, perdi, com certeza, certo dia,
não li Musil. Pousei a bica, na mesa desse lugar,
certo dia, um gafanhoto achei, esqueci, certo dia,
certo dia, já nem as aves, perdi certo dia. Perdi.

In *Cisco*, Mariposa Azul, Dezembro de 2014, p. 29.

DOS FRENÉTICOS

II.

Ainda que o mundo se cumpra, de mim só
restará desacerto. Serei grotesco ou feio,
tanto faz, todos me acharão nó, aglomerado

de receios e coisas escuras. Por dentro das casas
sou ainda indesejado. Talvez por isso sacuda o rosto,
um modo inteligente de atirar terror
para cima das pessoas de bem.

Zumbo, pois, nos ouvidos da gente sensível.
Zumbo. Amo cascas, as sobras

atiradas, raspas de coisas
várias, que são como que os escombros da terra.

In *Animais de Sangue Frio*, Língua Morta, Abril de 2017, p. 40.

DIGA33

POESIA NO TEATRO

ÀS TERCEIRAS TERÇAS-FEIRAS
DE CADA MÊS

PROGRAMA ELABORADO POR
**HENRIQUE MANUEL
BENTO FIALHO**

A TORRENTE

*A torrente levou tanta terra e pedras
que teve de mudar de sítio*

Leonardo da Vinci

I

ela vem
arrebatada
a grande
quantidade
do que cai
ou jorra

rumorejo crepitoso
repentino cavalo
de ritmo irregular

água da montanha
escorrendo
em leito pedregoso
cascalho cascata
caldo obscuro
feito de ângulos

crina farta
aprende-se
com ela
as coisas
sucessivas
arrastadas
na inclinação
árdua

palavra enxurrada
o álveo aberto no declive
ímpeto do exemplo
rompendo pulsante
vindo ela vem

In *gazetadepoesiainedita.blogs.sapo.pt*,
15 de Agosto de 2020.

HOJE DESCASCO CEBOLAS NOITE FORA,

crua como uma pedra.
Finjo o lume aceso. No braço
tatuada uma vírgula que esqueci.
Nunca a gramática foi tão quotidiana

— inimaginável lesma das folhas do supermercado.

In *Cisco*, Mariposa Azul, Dezembro de 2014, p.21.

VASCO GATO



(Lisboa, 1978) estudou economia e filosofia. Estreou-se com o livro *Um Mover de Mão* (Assírio & Alvim, 2000), reunindo mais tarde a sua obra poética no volume *Contra Mim Falo* (Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 2016). Doze livros publicados entre os anos de 2000 e 2016, destacando-se *A Prisão e Paixão de Egon Schiele* (&etc, 2005) e *Fera Oculta* (Douda Correria, 2014). É poeta, romancista e tradutor. Entre os mais de 100 títulos que traduziu contam-se obras de Charles Bukowski e de John Fante, assim como o curioso volume *O Dia & a Noite Não Podem Viver Juntos* (Debout Sur l'Oeuf, 2016) dedicado à poesia ameríndia. Publicou recentemente o seu primeiro romance com o título *Adius* (Abysmo, 2020).

hesito muito antes da palavra.
porque um precipício se abre nela
e não tem sentido, vibra apenas.
porque pode ser a morte
ou o nascimento para um lugar.
porque me doem as mãos
cada vez que tento segurar
o mundo em traços redondos quadrados.

por isso te digo: hesito e morro e nasço.
e corro para a rua com a força de quem
vai anunciar gritar chamar dizer.
mas lá fora sorrio apenas
enquanto caminho para um banco
de jardim, devagarinho,
como se por um momento
eu soubesse o nome de tudo
e tudo tivesse o mesmo nome.

Do livro *Um Mover de Mão*, Assírio & Alvim, 2000,
in *Contra Mim Falo*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda,
Novembro de 2016, p. 25.

Em poesia, o sentido é o corpo intacto dentro
do veículo sinistrado. Ferro contorcido e carne
verbal, guardada em segredo. O poema é
desencarcerar-se.

Do livro *Rusga*, Trama, 2010, in *Contra Mim Falo*,
Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Novembro de 2016,
p. 262.

LABORATÓRIO

E o amor? Fala-me do amor. Não percebo, não percebo o que cabe em seis letras, o que cabe em quatro. E se isso possui a sua vertigem mortal, é belo como as grandes falésias escarpadas. Se eu me lançar. Se eu beijar em plena queda. Se eu ludibriar o voo dos anjos cegos e subitamente apresentar a levitação como um talento desesperado. Se eu devorar o meu próprio grito e os seus mil ecos e ficar apenas balbuciando diante do deserto.

Mas não me falaste do amor. Dois músculos obedecendo a dois nervos. A forma como dois amputados caminham abraçados. Não, espera, não o digas assim. Não há assim, há a imagem e o sangue da imagem e a vida enfeitada da imagem subindo pelos braços como uma serpente. Claro que a cabeça estoura. Não há outra forma de o dizer.

Exemplos:

dezembro é uma piscina turva;

a noite são quatro mulheres de cabelos soldados;

o mérito é um veneno e a culpa é um veneno e o consentimento é um veneno.

Ou ainda:

é o meu quarto e nele perderás as mãos.

In *A Prisão e Paixão de Egon Schiele*, & etc, Fevereiro de 2005, p. 39.

DENTRO DE UM CORPO

Pôr as mãos dentro de um corpo
seria invadir um calor sagrado

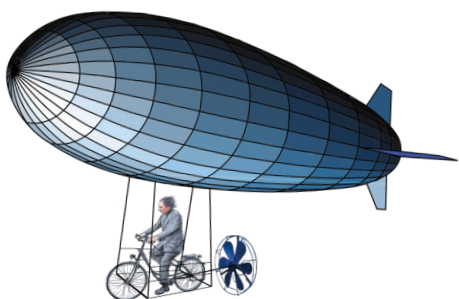
Porque um corpo
é como um astro implícito,
frágil, cuja órbita intersecta a pureza,
descaindo de sombra em sombra
até à memória tangível
em que aparece

Um corpo desenhado a giz,
arrancado ao ar, agora táctil, vivo,
furtando-se ao precipício frio
que ameaça os flancos do espaço,
dançando nas muralhas da noite

Corpo que não se deve possuir,
mas escutar, escutar

Deve haver música no interior de um corpo

In, *Imo*, Quasi Edições, Abril de 2003, p. 45.



PRÓXIMA SESSÃO
20 de Outubro

RAQUEL NOBRE GUERRA
CLÁUDIA R. SAMPAIO

TEATRO
DA RAINHA
35 ANOS